

## **Tiãozinho e Miguilim: a representação da infância em mundos ficcionais de Guimarães Rosa**

**Salette Paulina Machado Sirino<sup>1</sup>**  
**Rita Felix Fortes<sup>2</sup>**

**RESUMO:** Neste estudo, estabelece-se uma correlação entre a infância representada nos mundos ficcionais *Conversa de Bois e Campo Geral*, de João Guimarães Rosa, com o conceito sociológico de infância advindo da tradição europeia, abordados por Elizabeth Badinter, que traça o percurso histórico da concepção de infância que muda ao longo do tempo. Tal conceito se entranha à cultura brasileira e foi renitente e tardia a modernização, conforme analisa Gilberto Freyre – cujo autor aborda a condição da criança brasileira ao longo do período colonial e imperial. Condição esta que, nas regiões mais isoladas – como é o caso do planalto central brasileiro – perdurou quase imutável até as primeiras décadas do século XX. E, ainda, visando destacar a passagem precoce de menino a “homem” de Tiãozinho e de Miguilim, respectivamente, protagonistas nas referidas obras rosianas, a análise pauta-se nos estudos sobre o valor simbólico do rito de passagem de Mircea Eliade.

**PALAVRAS-CHAVE:** personagens rosianos; infância; Tiãozinho e Miguilim.

**ABSTRACT:** This study establishes a co-relation between the representation of childhood on the fictional world *Conversa de Bois and Campo Geral*, by João Guimarães Rosa, together with the sociological concept of childhood from the European tradition, approached by Elizabeth Badinter, which traces the historical course of the conception of childhood that changes over time. This concept entered the Brazilian culture and modernization was late and obstinate, according to Gilberto Freyre – who approaches very properly Brazilian children’s condition throughout the Imperial and Colonial age. This condition remained still until the first decades on the most isolated regions – which is the case of the central plateau. And, still, the analysis is based on the studies of the Mircea Eliade about the symbolic value of rites of passage in order to show Tiozinho’s and Miguilim’s premature passage from “boys” to “men”.

**KEY-WORDS:** Guimarães Rosa’s characters; Childhood; Tiãozinho and Miguelim.

Recebido em 15-04-2017  
Aceito em 20-08-2017

<sup>1</sup> Doutora em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Docente e Diretora do Centro de Artes da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), câmpus de Curitiba II/FAP.

<sup>2</sup> Pós-Doutora em Literatura Comparada e Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Docente do curso de graduação em Letras – câmpus de Marechal Cândido Rondon – e do programa de pós-graduação em Letras, nível de Mestrado e Doutorado – câmpus de Cascavel – da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE).

## INTRODUÇÃO

Elizabeth Badinter, no livro *Um amor conquistado: o mito do amor materno* (1990), entre outros aspectos, rastreia a origem do conceito infância, bem como a condição da criança da antiguidade clássica à contemporaneidade. Para a autora, a mudança de mentalidade em relação ao papel da criança na família e na sociedade sofreu uma transformação longa e gradativa, que foi de semi-escrava à criatura divina. Neste sentido, a autora cita o estudo meticoloso de Philippe Ariès sobre a evolução da condição infantil através da iconografia da pedagogia e dos jogos infantis, concluindo que, a partir do século XVII, a infância passou a ter uma concepção nova para os adultos. Mas essa concepção ainda não colocava a criança no centro da família, nem se baseava na ternura entre pais e filhos – como ocorre nos tempos atuais.

Por que 1760? Pode surpreender a indicação de uma data tão precisa para a modificação das mentalidades. Como se de um ano para outro tudo tivesse modificado. Não foi esse o caso, e Philippe Ariès mostrou que foi necessária uma longa evolução para que o sentimento da infância realmente se arraigasse nas mentalidades. Estudando muito cuidadosamente a iconografia relacionada com o assunto, a pedagogia e os jogos infantis, Ariès concluiu que, a partir do início do século XVII, os adultos modificam sua concepção da infância e lhe concedem uma atenção nova, que não lhe manifestavam antes. Essa atenção dada à criança, porém, não significa ainda que se lhe reconheça um lugar tão privilegiado na família que faça dela o seu centro (BADINTER, 1990, p. 53).

Para Badinter, o ano de 1760 tem papel fundamental na origem do conceito de infância, naquele período as famílias ainda baseavam suas relações nos modelos do século XVI. Embora já decadente nas classes dominantes, este modelo ainda vigorava nas classes menos abastadas. A criança ainda era vista como transtorno, ou como algo inútil, ou seja, a sociedade não reconhecia a criança como sendo o centro do universo familiar

– essa concepção começa a se arraigar nas classes ascendentes na segunda metade do século XVIII.

Também é na segunda metade do século XVIII que os escritores começam a apontar o amor materno como importante e a sociedade passa a assimilar esse conceito. É importante destacar que não se está, aqui, duvidando da capacidade de os pais amarem os filhos, nem que todos os pais, antes da criação de tal conceito, não amassem seus filhos e, menos ainda, que, com esta mudança de mentalidade todos os pais passaram a amar os filhos. O que se destaca é que o conceito de infância, que hoje parece inato, é, de fato, um constructo social e cultural.

Jean-Jacques Rousseau publica *Émile* em 1762, cristalizando a nova concepção de infância que terá grande influência sobre a sociedade e família moderna. Badinter afirma que Ariès baseia as relações entre pais e filhos na ternura mútua, e não mais na autoridade paterna.

Durante longos séculos, a teologia cristã, na pessoa de Santo Agostinho, elaborou uma imagem dramática da infância. Logo que nasce, a criança é símbolo da força do mal, um ser imperfeito esmagado pelo peso do pecado original. Em *A cidade de Deus*, Santo Agostinho explicita longamente o que entende por 'pecado da infância'. Descreve o filho do homem, ignorante, apaixonado e caprichoso: 'Se o deixássemos fazer o que lhe agrada, não há crime em que não se precipitaria' (BADINTER, 1990, p. 55).

Os postulados agostinianos – que afirmavam ter a criança até os sete anos de idade uma tendência inata para o mal – vigoraram por vários séculos, consolidando a visão de que a criança estava, sempre, sujeita aos pecados. Dessa tendência inata adviria o pecado original, isto é, a malignidade, a ignorância, a precipitação para o mal. Como tal, originalmente, a criança seria, de acordo com Santo Agostinho, um castigo divino contra a humanidade.

Segundo a pedagogia agostiniana, a finalidade da educação seria salvar a alma do pecado e, se para salvar essa alma infantil do pecado fosse preciso castigar o corpo, não deveria haver hesitação, visto que o divino se sobreporia à existência humana. Nesta pedagogia, o amor pregado era o amor punitivo, tanto que as mães deviam amar seus filhos de modo que seu amor não corrompesse os mesmos – para não leva-los à maldade e aos vícios. Esse amor devia fazer os filhos sofrerem para que, através dos castigos, eles aprendessem a ser bons. Badinter (1990) conclui que as teorias propostas no século XVII eram apenas a continuação e repetição das concepções antigas de infância, reproduzindo um sistema de valores quase ultrapassado, ainda baseado em Aristóteles e Santo Agostinho. Mas Descartes pôs fim à hegemonia da escola aristotélica, banindo o pensamento escolástico com a nova Filosofia: “E se Bérulle é o continuador de Santo Agostinho, Descartes foi sem dúvida aquele que baniu o pensamento escolástico.” (BADINTER, 1990, p. 61).

Entretanto, apesar de não ver a infância como símbolo do pecado, a filosofia cartesiana a vê como um tempo de erro, visto que todas as sensações da criança estão ligadas ao corpo, ao prazer e à dor. Ou seja, Descartes vê a infância como uma fraqueza de espírito, condenável e constantemente sujeita aos erros. Para ele, os erros da infância se perpetuam ao longo da vida, distanciando o humano do divino, pois se tivesse plena razão desde o nascimento, o homem teria total conhecimento das coisas materiais, assim como Deus o tem do divino. Descartes se aproxima da filosofia agostiniana, pois apenas a nomenclatura muda no pensamento cartesiano, já que erro e pecado são quase sinônimos entre os dois filósofos. “Ela [a infância] desempenha, portanto um papel semelhante em Descartes e em Santo Agostinho, ao nos distanciar de Deus e de sua perfeição. Erro ou pecado, a infância é um mal” (BADINTER, 1990, p. 63).

Badinter (1990) afirma que após 1760, com a mudança dos hábitos maternos, gradativamente o amor de mãe passou a ser visto como um valor natural e social, sendo favorável tanto à espécie quanto à sociedade. Mas, para que o amor materno e a amamentação fossem mais praticados pelas mães – e seus filhos tivessem maiores chances de sobrevivência – foi necessário que três discursos diferentes tomassem parte dessa questão: o discurso econômico, dirigido aos homens esclarecidos; o filosófico, dirigido a homens e mulheres e um terceiro discurso, dirigido apenas às mulheres.

Assim, após 1760 o homem passou, então, a ser visto a partir da ideologia capitalista, na qual o princípio de todas as riquezas, bem como da sua perda, advém da capacidade humana de transformar todas as matérias-primas existentes nas riquezas que serão geradas e, posteriormente, compradas. Portanto, a partir da mentalidade e do discurso econômico, a criança passou a ser vista como uma riqueza, adquirindo um valor mercantil. A função paterna e a autoridade patriarcal se transformam. A função da mãe, tanto na sobrevivência dos filhos quanto na sua educação, se torna cada vez mais importante. A partir de então, a educação não se baseou mais apenas em castigos e punições, a criança deixou de ser vista como um estorvo e foi gradativamente se transformado uma riqueza em potencial. Tal mudança de mentalidade visava diminuir a mortalidade infantil e a fragilidade da criança passou a ser respeitada e protegida.

Segundo Badinter (1990) a *Encyclopédie*<sup>3</sup> postulava que a autoridade dos pais deveria ser adequada a cada idade e ir evoluindo com a criança. Na primeira infância, acreditava-se que a criança era incapaz de discernir, devendo a autoridade dos pais sobre esta ser total, pois caberia aos pais assegurar a proteção e a defesa da mesma. Na puberdade, ela era capaz de

---

<sup>3</sup> Livro que primava pelo conhecimento humano, publicado na França, no século XVIII, composto por 28 volumes, 71.818 artigos, e 2.885 ilustrações, editada por Jean le Rond d'Alembert e Denis Diderot, com participação de escritores ligados ao Iluminismo francês, entre eles, Voltaire, Rousseau e Montesquieu.

refletir, mas ainda precisava da direção dos pais. Já na terceira idade, ou fase adulta, a autoridade dos pais era bastante limitada e poderia chegar a ser nula. A *Encyclopédie* afirmava que cabia ao pai e à mãe o nascimento e a educação e que os filhos deveriam ser gratos aos pais por toda sua vida.

Os valores enciclopedistas – que se aproximam bastante das atuais concepções sobre infância – consideram que os pais têm o direito de exigir afeição e respeito dos filhos até a morte. Rousseau, um dos enciclopedistas, contradisse essa ideia afirmando que a única forma natural de sociedade é a família, mas que esta só se mantém enquanto os filhos ainda dependem dos pais. Ao se tornarem independentes, esses laços se dissolvem e os filhos se libertam da obediência que devem aos pais, os quais se veem livres dos deveres que têm para com os filhos – ambos conquistam a independência e se permanecerem unidos após essa independência não é natural, mas sim voluntário e por convenção.

Deslocando-se do contexto clássico e europeu teorizado por Badinter para o brasileiro, Gilberto Freyre, em *Sobrados e Mucambos* (1985), analisa a relação entre pai e filho na sociedade patriarcal brasileira e, ao fazê-lo, destaca o abismo entre o menino e o homem, um abismo social: um é grande, poderoso – um exemplo a ser espelhado – enquanto o outro é fraco, pequeno. Esse texto contribui, consideravelmente, para a compreensão da leitura da infância presente nas obras *Campo Geral* (2001) e *Conversa de Bois* (2001), de Guimarães Rosa. Obras que se atém com justeza ao sistema patriarcal rural brasileiro que – embora decadente no contexto da narrativa rosiana – no isolado espaço do sertão ainda perdurou pelo menos até a metade do século XX.

Para Freyre (1985) nos séculos XVI, XVII e XVIII, o poder do pai sobre a família era a reprodução do poder político vigente desses períodos. Contudo, na primeira metade do século XIX, vindo contra essa tradição de

respeito, obediência e submissão aos patriarcas, os jovens passaram a ocupar lugares importantes de administração e poder, que antes pertenciam somente aos mais idosos. O país, que havia se acostumado a figuras poderosas mais velhas, vê, então, Dom Frei Vital Maria Gonçalves de Oliveira, com pouco mais de vinte anos tornar-se bispo de Olinda.

Segundo Freyre (1985), as crianças até os seis ou sete anos de idade eram consideradas anjinhos de Deus. Já na segunda fase da infância, a partir dos seis ou sete anos de idade, passavam a ser consideradas meninos-diabo, pois até os dez anos comportavam-se de forma estranha: não comiam junto com os outros, não podiam participar de conversas de adultos e eram movidos pelas travessuras da infância, sendo maltratados e castigados.

Essa distância de inferior, de subordinado de subserviente – distância quando não conservada pelo próprio menino, lhe era imposta por todos os jeitos, mesmo os mais cruéis. Através de castigos e humilhações de que o folclore guarda reminiscências dramáticas, ao lado da documentação oferecida por autobiografias e memórias: homens que na meninice sofreram horrores dos pais, dos tios-padres, do padrasto e das madrastas; e nos colégios, de mestres terríveis (FREYRE, 1985, p. 71).

O sadismo se escondia atrás da autoridade patriarcal dos casarões e imperava, também, nos colégios de padres jesuítas da época. Ou seja, apesar das mudanças em relação ao conceito de infância que, na Europa, já estavam em pauta há trezentos anos, nas regiões mais isoladas do Brasil ainda imperavam traços da mentalidade medieval, respaldada nas concepções de Santo Agostinho. Assim, as crianças eram consideradas vazias e desprovidas das qualidades de adulto, sendo apenas toleradas pelos mais velhos até que crescessem. Ao longo de toda a infância estavam sujeitas à violência física e emocional. Houve casos em que meninos de formação patriarcal ficaram gogos, devido aos traumas da infância relacionados ao rigor educacional



tanto em casa quando nos colégios. Os castigos físicos, como a palmatória e as humilhações faziam parte da pedagogia educacional daquela época.

Com o declínio do patriarcalismo, ocorre uma mudança de mentalidade e muitos filhos passam a querer independência em relação aos pais, já não se curvam diante destes, e mais ainda: houve casos de filhos e pais que passaram a ser inimigos e/ou rivais. Em certas famílias, existia, então, o patriarca velho, desrespeitado e desprestigiado e o senhor-moço, estudado, urbano, que tomava decisões por conta própria.

Era o declínio do patriarcalismo. O desprestígio dos avós terríveis, suavizados agora em vovós. O desprestígio dos “senhores pais” que começavam a ser simplesmente ‘pais’ e até ‘papais’. Era o menino começando a se libertar da tirania do homem. O aluno começando a se libertar da tirania do mestre. O filho revoltando-se contra o pai. O neto contra o avô. Os moços assumindo lugares que se julgavam só dos velhos (FREYRE, 1985, p. 87-88).

Essas mudanças transformam radicalmente os costumes. Os jovens já não queriam parecer com os velhos – não pintavam mais suas barbas de branco, resultado da ascensão política e social de homens jovens, mudando tal cenário de um extremo a outro: além do jovem não mais se espelhar nos idosos, declina o profundo respeito dos jovens para com os velhos. Os avós não eram mais temidos, passaram de patriarcas a figuras doces, que já não podiam com a mocidade. Também a ascendência e o poder clerical declinam, conforme atestam os depoimentos de padres educadores de que os meninos de antes eram mais travessos, mas também eram mais respeitadores.

De acordo com a análise de Elizabeth Badinter em relação ao contexto europeu e o de Gilberto Freyre em relação ao brasileiro, há muitas similaridades entre as crianças patriarcais nos dois contextos. Entretanto, há uma indiscutível defasagem, em relação ao conceito abordado por Badinter, na realidade brasileira, no que se refere às transformações no contexto de infância que aportaram tardiamente no Brasil.



## **TIÃOZINHO E MIGUILIM: A CONDIÇÃO DA CRIANÇA NO SISTEMA PATRIARCAL**

No conto *Conversa de Bois* (2001) há a representação do sistema patriarcal, ainda fortemente vigente no final da década de 1930. Esse sistema é reproduzido nesse conto tanto pela figura de Agenor Soronho, descrito pelo narrador como homenzão ruivo, de mãos sardentas e mal-encarado, que detém o capital – a terra, o carro-de-bois, os bois, e que explora o trabalho de seus subalternos – dando-lhes o mínimo do necessário para a subsistência e para a sua perpetuação nessa condição opressora. No contexto social do conto, era comum as crianças não serem percebidas como gente que pensa e sente, e por isso deveriam ser corrigidas e castigadas moral e fisicamente. Tal fato é evidenciado pela forma com que Soronho trata Tiãozinho durante a viagem para levar a carga de rapaduras e o corpo do pai de Tiãozinho para ser enterrado no cemitério da vila. É pelos *flashbacks* das memórias desse menino que o leitor entende que o opressor patrão usufruía dos carinhos de sua mãe, mesmo com a sua presença e a de seu pai doente e entrevado. “Pobre do pai!... Tiãozinho tinha de levar a cuia com feijão, para comer junto com ele, porque nem a mãe não tinha paciência de pôr comida na boca do paralítico... E ela, com seu Soronho, tinham, para comer, outras coisas, melhores...” (ROSA, 2001, p. 339).

Estacam todos, bois e carro, no meio do chapadão. Foi o guia Tiãozinho, que teve de parar para segurar as calças, que lhe tinham caído de repente até aos pés. Depôs a vara no chão, depressa, porque estava até vermelho, só em camisão e perinhas magrelas, que vergonha. E agora lhe está custando para amarrar a tira de pano na cintura e ficar composto outra vez (ROSA, 2001, p. 343)<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> *Conversa de Bois* (2001), de João Guimarães Rosa.

Em *Conversa de Bois* (2001), a questão do trabalho infantil se faz presente como uma prática comum naquele contexto social, tendo em vista que, durante a narração do trajeto em que Tiãozinho guia um carro-de-bois, o narrador aproveita o fato do cansaço deste menino para contar que, num dia quente como aquele, outro menino-guia, Didico, de dez anos, não suportou a lida e morreu: “Que calor!... E a poeira seca a goela da gente. Estará sentindo dor-por-dentro no pescoço? São Brás! São Brás!... Não quer penar como o Didico da Extrema, que caiu morto, na frente de seus bois...” (ROSA, 2001, p. 342). Percebe-se que as crianças não só tinham que trabalhar como eram expostas a situações tão árduas, que chegam ao cúmulo de lhes tirarem a vida – Didico era exposto ao trabalho de adultos mesmo com seu problema cardíaco, para o qual ninguém deu importância, achando que era preguiça.

Tiãozinho carrega dentro de si um grande sentimento de amor e compaixão pelo pai, sentimento que o faz desejar tornar-se adulto, forte e rico para vingar-se das humilhações e malvadezas de seu patrão, especialmente das praticadas contra seu pai, pois, para este menino, a figura paterna representa a sua raiz, o seu alicerce, o seu cadinho.

Na véspera de morrer, de-noite, ele ainda pedira para Tiãozinho tirar reza junto... E Tiãozinho puxara o terço, cochilando... Estava com muito sono, porque tinha ido, a pé, ao Marçal Velho, levar um recado... Depois da salve-rainha, o pai pôs nele a benção, e ele deitou no enxergão, para dormir logo, esquentando os molambos... Também não adiantou nada estar dormindo no mesmo canto; só deu fé daquela tristeza toda foi quando viu a mãe, chorando, sacudindo-o para levantar. Aí, Tiãozinho tinha chorado também... (ROSA, 2001, p. 344)<sup>5</sup>.

Tiãozinho não entende por que sua mãe chora a morte de seu pai, já que, no final da vida, ela o maltratou, traiu e humilhou. Tal situação parece para esse menino, como se seu pai já estivesse morto em vida, visto que, por

---

<sup>5</sup> *Conversa de Bois* (2001), de João Guimarães Rosa.

estar doente e paralítico, não é mais o provedor, nem o homem da casa, sendo substituído, ainda em vida, pelo amante da mãe, que se muda para a casa. Resta ao pai a degradante reclusão ao espaço do quarto, enquanto seu Soronho manda no resto da casa, inclusive no seu filho na sua mulher. Esse espaço – o quarto da casa – traz sentimentos de tristeza para o menino, tanto pelo fato de ele ver o pai naquelas condições quanto por, em algumas noites, saber que sua mãe se deita com o amante. Mas, paradoxalmente, é nesse sóbrio ambiente que Tiãozinho vivencia momentos de amor mútuo com seu pai. A degradante condição na qual morreria o pai causa, no entanto, remorsos em Tiãozinho visto que, às vezes, quando ele ouvia o pai chorar, fingia estar dormindo por não saber como agir. Ou seja, percebe-se aqui a dureza da infância – o senso de dever e de remorso de uma criança de apenas, sete anos.

Tiãozinho atrasa o passo, para aproveitar. Mas ainda está triste. Não quer pensar no pai *depois* – tem medo de pôr a idéia no corpo que vem em-riba da palha das rapaduras. Só aguenta pensar nele de-em-antes, na cafua... [...]

Mas, o chapéu na cabeça? Não pode... Tira o chapeuzinho de palha, que também não tapa o sol e nem nada. Vai levar na mão. Também... Não quer pensar mais no pai em-antes. Mas não tem idéia para poder deixar de pensar... O pai gemendo... Rezando com ele... E se rezasse também agora?... Devia... (ROSA, 2001, p. 345)<sup>6</sup>.

Tiãozinho, entristecido, prefere pensar no pai vivo, talvez pelo medo que sente de vê-lo morto. Encontra, então, forças para seguir sua sina nas orações que o pai lhe ensinou. Tal fragmento evidencia que, por mais difícil que possa ser a situação objetiva que esse menino vivencia – trabalhar de guia de carro-de-bois, especificamente, guiando bois que carregam o corpo de seu pai morto sobre uma carga de rapaduras, embaixo de um sol forte –, a situação subjetiva – o sofrimento pela perda de seu pai e pela humilhação de ter que trabalhar para o opressor do mesmo –, é ainda mais dolorosa.

---

<sup>6</sup> *Conversa de Bois* (2001), de João Guimarães Rosa.

Em *Conversa de Bois* há a representação da infância no sistema patriarcal e de forma lúdica, pela fala dos bois, há uma crítica tanto à postura pouco reflexiva do homem em relação a si e ao próximo, quanto ao sistema capitalista.

O menino, assim como os bois, é levado de um lado para outro, ao bel-prazer de quem detém o poder. Esses bois têm que ir para pastos diferentes e desiguais e, sem capim, se veem obrigados a comer o que aparece, de cabeça baixa. Tais reflexões bovinas têm uma clara analogia com Tiãozinho, que, assim como os bois se submete a situações de trabalho desumanas e desiguais que o levariam à alienação e à crença de que são inferiores. Contudo, Guimarães Rosa evidencia sua crença no poder do pensamento:

Então, os homens vieram, e chamaram todos os bois p'ra fora do pasto rapado, e foram levando a gente p'ra longe. Muitos dias, muito longe. Depois, chegamos... E puseram os bois nós todos num pasto diferente, desigual de todos os pastos, e que era todo num morro frio, serra a-pique, sem capim conhecido de nenhum de nós... Aí a gente pegou a comer, quase sem levantar as cabeças... (ROSA, 2001, p. 350)<sup>7</sup>.

O narrador delega voz aos bois, que também emitem opinião sobre os homens, na citação abaixo a palavra do boi expressa a sua confiança na grandeza e na quietude do seu pensamento. O que pode ser uma metáfora da força que tem o pensamento do homem, mas que este, por agir como o dia barulhento, isto é, apressado, não reflete, não exercita essa força:

– O bezerro-de-homem não sabe... O nosso pensamento de bois é grande e quieto... Tem o céu e o canto do carro... O homem caminha por fora. No nosso mato-escuro não há dentro e nem fora... – É como o dia e a noite... O dia é barulhento, apressado... A noite é enorme... (ROSA, 2001, p. 358)<sup>8</sup>.

<sup>7</sup> *Conversa de Bois* (2001), de João Guimarães Rosa.

<sup>8</sup> *Conversa de Bois* (2001), de João Guimarães Rosa.

Tiãozinho, ainda muito criança, já tinha que assumir o lugar do pai – Jenuário há tempos entrevado e cego em cima de um jirau –, como guia de carro-de-bois, e assim, sofrer todas as situações opressoras da relação de trabalho de um sistema que permite, inclusive, que o dono do capital – terra – possa sentir-se no direito de usufruir sexualmente de sua mãe e ainda, explore o filho, mesmo que para isso, utilize de violência – o patrão podia bater em Tiãozinho de cabresto, de vara de marmelo, de pau, como também utilizar violência verbalizada – xingamentos, humilhações.

Também em *Campo Geral* (2001), Guimarães Rosa evidencia a prática comum do trabalho infantil. O protagonista Miguilim, mesmo mais novo que seu irmão Liovaldo – que vivia na casa de tios e podia estudar –, tinha que trabalhar na roça com o pai, este sempre cobrava uma postura adulta do filho, tanto nos afazeres da roça quanto em relação ao medo de bicho que o mato lhe provocava. Mas, o ápice do conflito entre estes ocorre quando da visita de Liovaldo que humilha Grivo – amigo de Miguilim – e este, em defesa do amigo, bate no irmão mais velho, e o pai, em defesa de Liovaldo, dá uma surra em Miguilim, situação que desencadeou um ódio deste pelo pai. Entretanto, subjacente à violência paterna está a instabilidade do casamento e da relação entre Bero e Nhanina. Embora todos os filhos estejam sujeitos à violência paterna, é sobre Miguilim que mais recaem a ira e o ressentimento do pai.

Derradeiro, o Pai judiava mesmo com todo o mundo. Ralhava com Mãe, coisas de vexame: “Nhanina quer é empobrecer ligeiro o final da gente: com tanto açúcar que gasta, só fazendo porcarias de doces e comida de luxo!” O doce fazia era porque os meninos e ele Miguilim gostavam. Então, mesmo, Vovó Izidra um dia tinha resmungado, Miguilim bem que ouviu: “Esse Bero tem ôsso no coração...” Miguilim mal queria pensar. Não tinha certeza se estava com raiva do Pai para toda a vida (ROSA, 2001, p.127)<sup>9</sup>.

---

<sup>9</sup> *Campo Geral* (2001), de João Guimarães Rosa.

A personagem Bero, por estar tentando fazer a passagem da condição de miserável à condição de remediado, além de trabalhar incansavelmente, era exigente e autoritário com a família. Ele, de fato, quer fazer da sua casa uma espécie de casa-grande, mas está é, apenas, um arremedo. O comportamento de Bero é característico do sistema patriarcal, ao longo do qual, mesmo entre os pobres, prevaleciam os pais autoritários e violentos em relação à mulher e aos filhos. Em seu desejo de ascender socialmente, sair daquela condição de penúria, além de trabalhar muito, repreende a mulher por gastar demais. Também dentro desta mentalidade, e de acordo com o conceito da época, passa a exigir que Miguilim comece a trabalhar. “Pai encabou uma enxada pequena... – 'Amanhã, amanhã, este menino vai ajudar, na roça.' Nem triste nem alegre, lá foi Miguilim, de manhã junto com o pai e Luisaltino. – 'Teu eito é aqui. Capina.’” (ROSA, 2001, p. 127).

Tanto Tiãozinho, em *Conversa de Bois*, quanto Miguilim, em *Campo Geral*, têm em comum a obrigação do trabalho infantil, a violência física e emocional sofrida, respectivamente, pelo patrão e pelo pai – Soronho e Bero –, e a fraqueza e conivência de suas mães, que não os defendem, embora, para eles, a mãe represente a figura do berço, da proteção, da família, do alicerce social. Ou seja, em relação à mãe de Miguilim, seu comportamento imaturo em relação ao casamento, bem como o fato de ela ter se relacionado com o cunhado e com o agregado Luisaltino contribui para a instabilidade da família e para a agressividade de Bero – que embora agressivo, fica desesperado quando da morte de Dito e da doença de Miguilim. Em relação ao conto *Conversa de Bois*, tem-se, apenas, o fluxo de consciência de Tiãozinho que, em certa medida, responsabiliza a mãe pela triste condição do pai. Contudo, neste conto, embora seja evidente a miséria da família, não há como ter clareza sobre o comportamento da mãe – já que esta poderia agir de tal forma com vistas a garantir a subsistência da família. Destaca-se,

porém, que se tem, apenas, a perspectiva das memórias de Tiãozinho, obnubilada pela tristeza advinda da merencória morte do pai.

Outro elemento de aproximação entre Miguilim, de *Campo Geral*, e Tiãozinho, de *Conversa de Bois*, é o sentimento de perda de um ente querido, este sofre com a morte de seu pai, Jenuário, e aquele com a morte de seu irmão mais querido, Dito, através dos olhos do qual Miguilim enxergava a vida: “No Dito, pensava sempre. Mas, mesmo quando não estava pensando conseguido, dentro dele parava uma tristeza: tristeza calada, completa, comum das coisas quando as pessoas foram embora.” (ROSA, 2001, p. 129). Estas personagens de Guimarães Rosa revelam um olhar sobre a infância cuja delicadeza resulta do esmerado trabalho com a linguagem, associada a uma profunda compreensão da condição humana, como exemplifica a citação abaixo:

Diante do pai, que se irava feito um ferro, Miguilim não pôde falar nada, tremia e soluçava; e correu para a mãe, que estava ajoelhada encostada na mēsa, as mãos tapando o rosto. Com ela se abraçou. Mas dali já o arrancava o pai, batendo nele, bramando. Miguilim nem gritava, só procurava proteger a cara e as orêlhas; o pai tirava o cinto e com ele golpeava-lhe as pernas, que ardiam, doíam como queimaduras quantas, Miguilim sapateando. Quando pôde respirar, estava posto sentado no tamborete, de castigo. E tremia, inteirinho o corpo. O pai pegara o chapéu e saíra (ROSA, 2001, p. 36)<sup>10</sup>.

Dito, com sua sabedoria, chama o irmão para irem para longe dessa briga, mas, Miguilim não quer que seu pai bata em sua mãe, e, num rompante, corre até ela, abraça-a e, dada a sua ousadia de interferir no conflito entre o pai e a mãe, ele é espancado. Nesse fragmento Guimarães Rosa descreve a dor física que a surra de cinta provoca em Miguilim e a impotência desse menino em defesa de sua mãe, enfrentando o pai e chefe da família. Apesar de temer o pai, Miguilim, para defender a mãe, o enfrenta.

---

<sup>10</sup> *Campo Geral* (2001), de João Guimarães Rosa.



Enquanto Dito tem a percepção de que há algo entre sua mãe e tio Terêz, por esse motivo, orienta Miguilim que não fale ao tio que o pai brigou com a mãe. Miguilim, ao contrário de Dito, só entende a gravidade do conflito quanto ouve vovó Izidra mandar o tio embora do Mutum, antes que aconteça alguma tragédia na família. Mas, é quando o tio lhe pede para entregar um bilhete à mãe que Miguilim irá entender que há algo de errado entre a mãe e o tio, tanto é assim que não entrega o bilhete à mãe.

Miguilim não entrega o referido bilhete à sua mãe, apesar da relação de amizade e carinho entre ele e o tio: é com o tio que ele aprende a fazer urupuca para pegar passarinhos; é o tio que, quando o vê de castigo, o libera dessas situações; e, ainda, foi na companhia do tio e, agora padrinho, que ele fez a viagem a partir da qual inicia a narrativa e ao longo da qual Miguilim aprendeu sobre a saudade em relação à família e sobre a beleza do Mutum.

### **A dolorosa passagem de menino a “homem”**

Tanto a história de Tiãozinho quanto a de Miguilim se estruturam a partir de um rito de passagem de criança a “adulto”. Nesse sentido, em que momento ocorre tal rito no conto *Conversa de Bois* e na novela *Campo Geral*? Constata-se em ambas narrativas que tal rito ocorre por meio das viagens realizadas pelas personagens protagonistas. Essas viagens atuam, metaforicamente, como a passagem de Tiãozinho e Miguilim, da condição de criança à de um adulto, sem, no entanto, terem vivenciado a fase da adolescência – serem tratados como adultos na infância não significa dizer, aqui, que não eram crianças.

Para Mircea Eliade, o exemplo clássico de rito de passagem é o que se refere à faixa de idade, quando a criança deixa de ser criança e entra na juventude. Contudo, também considera como ritos de passagens: o

nascimento – estatuto de vivo; o casamento – passagem de um grupo sócio-religioso a outro; a morte – mudança de regime ontológico e social.

Como já observamos, os ritos de passagem desempenham um papel importante na vida do homem religioso. É certo que o rito de passagem por excelência é representado pelo início da puberdade, a passagem de uma faixa de idade a outra (da infância ou adolescência à juventude). Mas há também ritos de passagem no nascimento, no casamento e na morte, e pode-se dizer que, em cada um desses casos, se trata sempre de uma iniciação, pois envolve sempre uma mudança radical de regime ontológico e estatuto social (ELIADE, 1992, p. 150).

Eliade faz uma distinção entre os ritos de passagem que acontecem por ocasião do nascimento, do casamento ou da morte, já que são realizados por meio de cerimônias de admissão em determinada sociedade, enquanto que o rito de passagem que acontece na puberdade tem caráter de iniciação que implica em provas de morte e ressurreição simbólicas de ordem religiosa.

Mas, de acordo com os atuais conceitos, o que é ser adolescente? Ter direitos à educação, à saúde, ao lazer e à proteção familiar? Não poder trabalhar antes dos dezesseis anos de idade? Sim, na contemporaneidade brasileira, entende-se por adolescência o período entre doze e dezoito anos de idade e, de acordo com o código da criança e do adolescente, os adolescentes têm direito à educação, bem estar social. Entretanto, mesmo na atualidade, a despeito da legislação em vigor e da mudança de mentalidade, esses direitos só estão garantidos àquelas crianças que têm acesso às mais básicas condições de sobrevivência. Quando estas lhes faltam, tem-se a árdua e primordial luta pela sobrevivência, ao longo da qual muitas crianças se perdem e outras se tornam adultos aptos, que desenvolveram uma grande resiliência.

E no contexto socioeconômico representado por Guimarães Rosa em *Conversa de Bois e Campo Geral*, era esse o conceito que se tinha sobre a

fase da adolescência? Será que naquele espaço social – o sertão mineiro –, havia a concepção sobre a infância ou sobre a adolescência? Sobre a adolescência parece que não, já que as narrativas em análise se atêm à abrupta passagem – via sofrimento – da condição de criança à de adulto. Inclusive, percebe-se que as crianças eram vistas e tratadas de acordo com o que Badinter expõe sobre o conceito de infância, que remonta ao conceito teológico agostiniano, e que imperou no Brasil – em menor ou maior grau – ao longo de todo o período colonial e imperial, adentrando ainda com força o século XX.

Para Philippe Ariès (1981), pela transição dos períodos históricos, pode-se perceber a mudança de concepção de infância e de família, e ambas, a partir do século XVIII, passam a ser percebidas com outro olhar – um olhar talvez inspirado nos ideais do Iluminismo de liberdade, igualdade e fraternidade –, mas que a história recente do século XX evidencia que o que modificou fundamentalmente em relação a esses conceitos, foram os ideais do capitalismo. Entretanto, é no século XVIII que haverá o fortalecimento da organização da família por meio da própria organização espacial desta. A organização dos cômodos da habitação promove mudanças na vida cotidiana. É também nesses espaços que haverá a distinção entre classes, por exemplo, com a separação de áreas para os criados.

Numa análise da casa de Tiãozinho, de *Conversa de Bois*, percebe-se que até mesmo em situações econômicas distintas dos verdadeiros donos do capital, por exemplo, fazendeiros, há uma separação de cômodos. Tanto que Soronho mesmo sendo um carreiro tinha poder sobre seus subalternos, a exemplo da família de Tiãozinho, pois ao se tornar amante da mãe de Tiãozinho, se instala na cabana da família como se fosse o dono da casa, passando a dormir com a mãe do menino e ele e seu pai passam a dividir outro quarto, inclusive, Soronho não se importa se Tiãozinho e seu pai

testemunham tal situação, e, muito menos, com o sentimento que tal fato provoca nos mesmos.

Tanto em *Conversa de Bois* quanto em *Campo Geral* é possível a percepção de que a criança deixa precocemente de sê-la e entra no mundo do trabalho dos adultos. Em *Conversa de Bois*, Agenor Soronho expõe Tiãozinho à sua tirania, e em *Campo Geral*, Bero, em sintonia com o arcaico conceito vigente de que o trabalho faz parte da formação, expõe Miguilim desde criança à lida na roça.

Embora a representação social seja fator estruturante dessas obras, Guimarães Rosa, contudo, media e relativiza a questão da infância. Em *Campo Geral*, Miguilim enxerga o mundo através do olhar de Dito, seu irmão mais novo, uma criança que já nasce sábia: Dito parece um anjo que antecipa o que está por vir. Em *Conversa de Bois* – que beira o maravilhoso pelo fato de uma irara ser a testemunha ocular da estória e pelo fato de os bois falarem, como ocorre nos contos maravilhosos – a morte de Seu Agenor Soronho é prenunciada pela conversa dos bois. Assim, tanto a ideia de Dito como um anjo quanto a morte de Soronho, prenunciada pela fala dos bois, são construídos por elementos lúdicos mesclados com aspectos do mundo real.

Guimarães Rosa faz alusão clara aos *Contos de fadas*, garantindo que as estórias maravilhosas continuam vivas.

São narrativas que, sem a presença de fadas, via de regra, se desenvolvem no cotidiano mágico – animais falantes, tempo e espaço reconhecíveis ou familiares, objetos mágicos, gênios, duendes etc. – e têm como eixo gerador uma problemática social – ou ligada à vida prática concreta. Ou melhor, trata-se do desejo de auto-realização do herói – ou do anti-herói... (COELHO, 1991, p. 13).

Essa relativização entre infância e o mundo do fantástico<sup>11</sup>, no qual os bois pensam e falam está presente desde o início de *Conversa de Bois*:

Que já houve um tempo em que eles conversavam, entre si e com os homens, é certo e indiscutível, pois que bem comprovado nos livros das fadas carochas. Mas, hoje-em-dia, agora, agorinha mesmo, aqui, aí, ali, e em toda parte, poderão os bichos falar e serem entendidos, por você, por mim, por todo o mundo, por qualquer um filho de Deus?! (ROSA, 2001, p.325).

Manuel Timborna, filho do velho Timborna, afirma que bois falam e pede licença para comprovar esse fato – que teve como testemunha ocular a irara Risoleta. Para tal, ele conta a história, da qual faz parte o menino Tiãozinho, espécie de símbolo de fragilidade e determinação, e, em vários momentos a narrativa se desloca para a perspectiva de Buscapé, Namorado, Capitão, Brabagato, Dançador, Brillhante, Realejo e Canindé: os bois que puxam o carro que Tiãozinho está candiando. Nesse conto os animais falam, pensam e filosofam sobre o ser humano que, para eles, não pensa e complica a vida.

Também em *Campo Geral*, mas de outra perspectiva, os animais estão muito próximos das crianças, como exemplifica a seguinte passagem:

Os cachorros gostavam do sistema do Grivo, vinham para perto, abanando rabo, as patas eles punham no joelho dele. [...] Quando o Luisaltino veio de ficada, trouxe um papagaio manso, chamado Papaco-o-Papo, que sabia muitas coisas. Pai não gostava de papagaio; mas parece que desse um não se importou, era um papagaio que se respeitava (ROSA, 2001, p. 101).

Em *Campo Geral/Miguilim* a questão central é a representação da infância no decadente sistema patriarcal, no qual circula a complexa relação

---

<sup>11</sup> Os contos de fadas e as narrativas criadas por Guimarães Rosa representam mitos e lendas perpetuados verbalmente pelos povos. Sobre este assunto também poder ser referência de leitura o capítulo DARTON, Robert. Histórias que os camponeses contam: o significado de Mamãe Ganso. In: *O grande massacre dos gatos*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

de Miguilim com sua família. Mas o texto mostra, ainda, que naquele universo sertanejo se estabelecem as relações entre crianças e adultos, bem como entre estas e os animais – cachorros, papagaios, bois, gatos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos textos rosianos<sup>12</sup> em análise, apesar da presença do fantástico, está evidente que Tiãozinho e Miguilim, deixam de ser tratados como crianças assim que demonstram certa independência física, passando sem mediação a enfrentar os problemas e adversidades do mundo adulto – um rito de passagem, uma travessia, metaforicamente, representada pelas viagens de Tiãozinho e de Miguilim.

A travessia de Tiãozinho se dá ao longo da viagem do carro-de-bois, quando está candeando os bois com uma carga de rapaduras, sobre a qual vai o corpo do pai para ser enterrado no cemitério do vilarejo. A fala dos bois e o fluxo de consciência de Tiãozinho, desvelam suas mágoas e seu desejo de vingança futura. No entanto, antes do final da viagem, o projeto dessa vingança acidentalmente já se consuma. É, portanto, ao longo dessa viagem que ocorre a narrativa e que se dá o rito de passagem de Tiãozinho de criança a adulto. Em vários momentos seus solilóquios evidenciam seu desejo de quando crescer poder mandar na mãe, na casa, de ser dono da terra e vingar-se de seu Soronho, seu patrão e amante da mãe que tanto humilhara seu pai.

A travessia de Miguilim ocorre entre duas viagens: a da chegada da viagem para ser crismado no Sucuriçu e sua partida definitiva do Mutum e,

---

<sup>12</sup> Acerca do estudo da temática infância em obras de Guimarães Rosa, além dos livros aqui analisados, também são referências: LISBOA, Henriqueta. O motivo infantil na obra de Guimarães Rosa. In: COUTINHO, Eduardo (Org). *Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1983, p. 170-8 (Coleção Fortuna Crítica, v.6); RESENDE, Vânia Maria. A trajetória do menino nas Estórias de Guimarães Rosa. In: *O Menino na literatura brasileira*. São Paulo: Perspectiva, 1988, p. 24-46; e NUNES, Benedito. *O Menino*. O Estado de São Paulo Suplemento Literário. São Paulo, 02 de fevereiro de 1963.

consequentemente, da infância. Assim, a primeira reflexão que ele faz sobre seu mundo e a consciência que ele toma sobre este, ocorre quando está fora do Mutum. É nesta viagem que Miguilim aprende, também, sobre o conceito de beleza em relação ao lugar, ele precisou sair de sua casa para que ocorresse este aprendizado. É neste percurso que se dá a dolorosa passagem de Miguilim de criança ingênua, desatenta, inocente e míope para o amadurecimento e o entendimento do mundo.

Nesse sentido, é exemplar a metáfora dos óculos. Embora ele tenha fisicamente um problema de visão, esta também é uma metáfora da dificuldade de Miguilim de aprender a ver o mundo a sua volta. Dito – seu irmão mais novo – fora, de certa forma, os olhos de Miguilim. Mas, quando Miguilim coloca os óculos do doutor este ato físico tem, também, um valor simbólico. Finalmente, ele enxerga por si mesmo que o Mutum é um lugar bonito e que o mundo pode vir a se tornar um lugar mais inteligível e menos confuso e, aí, encerra-se a narrativa. É, portanto, entre a chegada e a partida do Mutum que se organiza todo o rito de passagem de Miguilim.

Outra questão fundamental é que, embora tenha havido a transição de concepção de infância ao longo da modernidade, esta não foi homogênea e ainda hoje, nas regiões mais isoladas e carentes, vigora um comportamento em relação à criança pobre similar ao que imperou ao longo de toda a Idade Média. Assim, o conto e a novela evidenciam que Tiãozinho e Miguilim, por causa das adversidades da vida, tornam-se prematuramente “homens”, sem, no entanto, se livrarem do doloroso conflito de conciliar sua condição de crianças.

Indiscutivelmente, a sensibilidade com que Guimarães Rosa trata do tema da infância extrapola as dimensões sociológicas nas quais se respaldaram o presente estudo e faz de *Campo Geral/Miguilim* e de *Conversa de bois* obras emblemáticas do doloroso processo humano de



amadurecimento e compreensão do mundo.

## REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Tradução Dora Flaksman. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

BADINTER, Elizabeth. **Um Amor Conquistado: o Mito do Amor Materno**. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária**. 8ª edição. São Paulo: T. A. Queiroz, Editor, Ltda., 2000.

CANDIDO, Antonio. *The Brazilian family*. In: SMITH, Lynn; MARCHANT, Alexander (orgs.). **Brazil: portrait of half a continent**. New York: The Dryden Press, 1951, p. 291-311.

CHEVALIER, Jean. GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos: mitos, sonhos, costumes, números**. Coord. Carlos Sussekind, tradução Vera da Costa e Silva. et. al. 10. ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 1996.

COELHO, Nely Novaes. **Os contos de fadas**. São Paulo: Ática, 1991

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano: a essência das religiões**. Tradução de Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e Mucambos**. 7. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1985.

GUÉRIOS, Rosário Farâni Mansur. **Dicionário Etimológico de Nomes e Sobrenomes**. 3. ed., São Paulo: Editora Ave Maria Ltda., 1981.

HOUAISS, Antônio et. al. **Dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

PRIORE, Mary Del. **História das Crianças no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 1999.

ROSA, João Guimarães. *Campo Geral In:\_\_\_\_\_*. **Manuelzão e Miguilim (Corpo de baile)**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

ROSA, João Guimarães. *Conversa de bois. In\_\_\_\_\_*. **Sagarana**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2001.